

**MOVIMENTANDO O PENSAMENTO COM GILLES DELEUZE NO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Denize Mezadri de Almeida<sup>1</sup>

Fernanda Freitas Rezende<sup>2</sup>

Priscila dos Santos Moreira<sup>3</sup>

Suzany Goulart Lourenço<sup>4</sup>

**RESUMO**

Este artigo movimenta o pensamento com Gilles Deleuze considerando as dissertações e teses nas quais o filósofo é apresentado como a principal referência teórico-metodológica, defendidas entre 2012 e 2015, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Utiliza a abordagem bibliográfico-documental como estratégia metodológica a partir das fontes: site do programa, documentos provenientes da Biblioteca Central da Ufes e da Biblioteca Setorial do Centro de Educação da Ufes. A pesquisa compõe-se com os conceitos deleuzianos “micropolítica e macropolítica”, “linhas do desejo”, “agenciamentos”, “cartografia” e “rizoma” como caixas de ferramentas nas pesquisas analisadas. Propaga o campo da Educação como espaço de “possíveis”, entre formas e forças, em uma perspectiva processual, que não visa a verdades absolutas, meras descrições ou pontos finais harmônicos, contudo faz ressoar o que pode um corpo coletivo, não coeso, potentemente diferente, em experimentações intensivas. Em movimentos sem fim, convida ao inusitado e à Filosofia da Diferença nas pesquisas em Educação.

**Palavras-chave:** Gilles Deleuze. Educação. Filosofia da Diferença. PPGE/Ufes.

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: dedeciencias@gmail.com.

<sup>2</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: ferezende.ef@gmail.com.

<sup>3</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

<sup>4</sup> É mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de Currículo, Cultura e Formação de Educadores da UFES. Possui graduação em Pedagogia (2013) pela UFES. Está vinculada ao grupo de pesquisa Currículos, Cotidianos, Culturas e Redes de Conhecimento, bem como ao grupo de membros e pesquisadores do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (NUPEC). Atualmente atua como assessora pedagógica na Gerência de Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Serra/ES. Tem interesse na área de Educação, com ênfase em Currículo, atuando principalmente nos seguintes temas: currículo, infância, aprendizagem inventiva, aprendizado ético-afetivo. E-mail: suzany.goulart@gmail.com.

## MOVEMENT OF THE THOUGHT WITH GILLES DELEUZE IN THE POST-GRADUATION PROGRAM IN EDUCATION OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF ESPÍRITO SANTO

### ABSTRACT

This article sets thinking in motion with Gilles Deleuze considering dissertations and theses defended in the Post-Graduation Program in Education at Federal University of Espírito Santo between 2012 and 2015 in which the philosopher is presented as main methodological-theoretical reference. Its methodological strategy makes use of a bibliographical-documental approach from two sources: the program homepage, documents found in the Central Library at UFES and the sectoral library at the Education Center at UFES. The research composes itself with deleuzian concepts such as “micropolitics and macropolitics”, “lines of desire”, “agencements”, “cartography” and “rhizome” as tool boxes in the researches analyzed. It sets forward the field of Education as a space of “possibilities”, between forms and strengths, in a processual perspective, aimed not at absolute truths, mere descriptions or final harmonic points, but resounds what may be a collective body, incohesive, potentially different, in intensive experimentations. In endless movements, it invites to the unexpected and to the Philosophy of Difference in researches in Education.

**Key-words:** Gilles Deleuze. Education. Philosophy of Difference. PPGE/Ufes.

### 1 COMPOSIÇÕES INICIAIS COM AS PALAVRAS

*Não tenho bens de acontecimentos.  
O que não sei fazer desconto nas palavras.  
Entesouro frases. Por exemplo:  
- Imagens são palavras que nos faltaram.  
- Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.  
- Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.  
Ai frases de pensar!  
Pensar é uma pedreira. Estou sendo.  
Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo)  
Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos, retratos.  
Outras de palavras.  
Poetas e tontos se compõem com palavras.  
(BARROS, 2009, p. 57).*

*Pensar é uma pedreira.* Manoel de Barros parece se encontrar com Gilles Deleuze nesse momento. Para que movimentemos o pensamento, é preciso que algo nos force a pensar, disse-

nos Deleuze em janeiro de 1969<sup>5</sup>. Poeta e filósofo que se compõe por palavras que arrombam o pensamento (o nosso e o deles) e que traçam possibilidades outras para o campo educacional. Poesia é voar fora da asa, a filosofia é criação de conceitos. Sendo tontos ou poetas, o que nos escreveram Gilles e Manoel, produz conosco um bom encontro, um encontro que aumenta nossa potência de agir.

Gilles Deleuze, filósofo com o qual buscaremos compor a escrita deste artigo, é peralta como Manoel de Barros. Escreveu livros sobre Henri Bergson, Baruch Spinoza e Friedrich Wilhelm Nietzsche, esse último considerado um dos demônios da modernidade. Esses *mestres da suspeita* são, para Deleuze, como máquinas de guerra contra o estruturalismo (DOSSE, 2010). Nietzsche, anti-Hegel e antidialético, com o conceito de *eterno retorno*, colabora com Deleuze para pensar o conceito de *diferença*. Nesse sentido, o retorno não é do mesmo, mas do outro, diferenciação. O *pensamento nômade*, tematizado por Nietzsche, foi ampliado por Deleuze, potencializando uma “[...] via possível de libertação dos servilismos, dos confinamentos burocráticos, uma verdadeira escola da vida” (DOSSE, 2010, p. 117).

Bergson já era estudado por Deleuze desde 1940, quando reinavam incontestavelmente os “3 H” (Hegel, Husserl e Heidegger). Esse filósofo colabora no deslocamento da dialética hegeliana, a partir da percepção das singularidades. Os conceitos de memória, virtual e atual desalinham o tempo *chronos*, pois apontam para a coexistência dos tempos. A atualização, como Deleuze afirma, é diferença e criação.

De acordo com Dosse (2010), Deleuze retira Spinoza do enclausuramento de Hegel, pois esse diz que Spinoza é o criador de um sistema puramente teórico. Para Deleuze, o pensamento spinozano é encarnado, quando aposta no triunfo dos afetos de alegria em detrimento aos afetos tristes. “Príncipe dos filósofos”, “Cristo dos filósofos” ou “Filósofo de uma arte de viver”<sup>6</sup>,

---

<sup>5</sup> Data da defesa da tese de Gilles Deleuze, intitulada *Diferença e repetição* e orientada por Maurice Patronnier de Gandillac (DOSSE, 2010).

<sup>6</sup> Segundo Dosse (2010), Deleuze considerava Spinoza como “Príncipe dos filósofos” e como “Cristo dos filósofos” e, após maio de 1968, quando lançou sua segunda obra sobre Spinoza, chama-o de “Filósofo de uma arte de viver”.

independentemente da nomenclatura, Spinoza, com certeza, ativou o *conatus*<sup>7</sup> de Gilles Deleuze: “Todos esses pensadores são de constituição frágil, e, no entanto, estão atravessados por uma vida insuperável. Atuam apenas por potência positiva e afirmação. Têm uma espécie de culto da vida [...]” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 26).

Como Corazza (2006, p. 29) afirma, “[...] os modos de vida inspiram maneiras de pensar e escrever, os modos de pensar e escrever criam maneiras de viver”, decerto, por todo esse real social que envolve Gilles Deleuze, ele foi o único professor de Filosofia da Universidade de Lyon a apoiar o movimento Maio de 68. Não foi um militante revolucionário, mas se manteve à escuta, como aponta Dosse (2010). Nesse período, ainda não conhecia Félix Guattari. Esse, diferentemente de Deleuze, era um militante no movimento, a ponto de levar seus pacientes da clínica de *La Borde*, durante uma ocupação, para apresentar uma peça teatral no *Théâtre de l’Odéon*.

Guattari e Deleuze foram apresentados por Jean-Pierre Muyard, amigo desse por ser estudante na Universidade de Lyon e daquele por participarem juntos das manifestações do Maio de 68. Evidentemente, um bom encontro. Logo em 1972, publicaram sua primeira obra juntos, intitulada *O Anti-Édipo*: “Maio de 68 foi um abalo para Gilles e para mim, como para tantos outros: [...] não nos conhecíamos, mas mesmo assim este livro, atualmente, é uma continuação de 68” (GUATTARI, 1972, p. 26 apud DELEUZE, 1992, p. 25).

Assim, acreditamos na aposta numa vida-invenção e no movimento rizomático do pensamento que Gilles Deleuze propõe em suas obras e tem forçado o pensar de doutorandos e mestrandos que defenderam suas teses e dissertações no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes), nos últimos quatro anos, e que tiveram esse filósofo como o principal referencial teórico-metodológico em suas pesquisas. Desse modo, a escrita deste artigo perpassa o seguinte campo problemático: quais as possibilidades de movimentar o pensamento com Gilles Deleuze no campo da Educação no PPGE/Ufes?

---

<sup>7</sup> Força interna de nossa potência de agir (CARVALHO, 2009).

Se pensar é uma pedreira, escrever também o é. Principalmente, quando a escrita não é entendida como receita de felicidade ou como verdade absoluta, mas como um vitalismo, no qual “[...] a vida ativa o pensamento e a escrita; o pensamento e a escrita afirmam a vida” (CORAZZA, 2006, p. 29). Nesse sentido, a partir de uma pesquisa bibliográfico-documental, buscaremos evidenciar e problematizar como os conceitos de “rizoma”, “linhas molares, linhas moleculares e linhas de fuga”, “macropolítica e micropolítica”, “agenciamento(s)” e “cartografia”, pensados como *caixas de ferramentas*<sup>8</sup>, potencializam as pesquisas sobre o campo educacional, realizadas por doutorandos e mestrandos do PPGE/Ufes entre os anos de 2012 e 2015.

Objetivamos, então, compor uma abordagem rizomática dos modos como esses conceitos são utilizados nessas pesquisas, conectando-as e, a partir das pedreiras que apresentam, insistindo em um modo outro de ativar o pensamento sobre os processos educativos. Isso porque “[...] o conceito deve dizer o acontecimento, e não mais a essência” (DELEUZE, 1992, p. 37), ou seja, um conceito como o de micropolítica pode nos dizer como e quais as possibilidades de escapar dos modos de subjetivação dominantes.

Assim, com essa abordagem, buscaremos explorar os “possíveis” dos conceitos mencionados para o campo da Educação no território do PPGE/Ufes, compreendendo que a nossa escrita possui uma potência que indica caminhos possíveis e, ao mesmo tempo, uma provisoriade, haja vista que novas conexões surgem e ampliam os modos de pensar. Pensar é uma pedreira e encontro com signos e exercício perigoso e invenção e poesia e rizoma e...

## **2 O TERRITÓRIO PPGE/UFES E O LEVANTAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES: UMA ANÁLISE PRELIMINAR**

Todo agenciamento implica territórios (DELEUZE; PARNET, 1998). O PPGE/Ufes constitui-se como território, pois é um espaço vivido no qual nos sentimos em casa e que se desdobra em

---

<sup>8</sup> Deleuze afirma, em 1972, numa conversa com Michel Foucault (*apud* FOUCAULT, 1979, p. 71), que “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante [...]. É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que então deixa de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou”.

diferentes movimentos de *des-re-territorialização*. Nesse sentido, consideramos importante, para nossa análise preliminar, falar a respeito desse território para podermos evidenciar agenciamentos possíveis entre as pesquisas de mestrado e doutorado desse programa com alguns conceitos da Filosofia da Diferença proposta por Gilles Deleuze.

O PPGE/Ufes<sup>9</sup> foi criado em 1979 e credenciado em 1999 (Portaria MEC nº 182). Em 2016, completa 36 anos de existência. É o único programa de pós-graduação *stricto sensu* em Educação do Espírito Santo. Esses dados conferem ao programa uma grande relevância para o campo das pesquisas em Educação. O *site* do programa informa ainda que até 2013 foram defendidas 689 dissertações e 99 teses. Nesse cenário, o recorte temporal que realizamos para a nossa pesquisa (2012-2015) fornece um quadro expressivo de análise, pois equivale a 11% do tempo de existência do PPGE/Ufes.

O programa possui quatro linhas de pesquisa, a saber: *Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas*; *Educação e Linguagens*; *Cultura, Currículo e Formação de Educadores*; e *História, Sociedade, Cultura e Políticas Educacionais*. Um dado que se destacou em nossa análise preliminar se refere à vinculação das teses e dissertações defendidas nos últimos quatro anos no PPGE/Ufes, que tem Deleuze como principal referencial teórico-metodológico, nas diversas linhas de pesquisa. Nesse recorte temporal, a maioria dos mestrandos e doutorandos que utilizou conceitos *deleuzianos* para pensar o campo educacional pertencia às linhas *Cultura, Currículo e Formação de Educadores* e *História, Sociedade, Cultura e Políticas Educacionais*. Apenas dois doutorandos não eram dessas linhas: era um da linha *Educação e Linguagens* e outro da linha *Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas*.

Para a busca das teses e dissertações, recorreremos ao *site* do PPGE/Ufes e a um levantamento bibliográfico que nos foi disponibilizado pela Biblioteca Central da universidade. A partir dos dados levantados e considerando apenas os trabalhos disponibilizados no *site* do PPGE/Ufes e

---

<sup>9</sup> Informações retiradas do site do programa.

na Biblioteca Central,<sup>10</sup> verificamos que, entre os anos de 2012 e 2015, o programa teve 113 teses e 198 dissertações defendidas, distribuídas ano a ano conforme a tabela a seguir:

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS (2012-2015)

<b>NÍVEL (D/M)</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
Doutorado	15	27	38	33
Mestrado	44	69	50	35

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação e Biblioteca Central, ambos da Universidade Federal do Espírito Santo (2016).

Desse total de pesquisas defendidas no PPGE/Ufes, constatamos que 30 delas (15 teses e 15 dissertações) apresentaram Deleuze nas referências bibliográficas. Assim, após a leitura na íntegra dessas pesquisas, selecionamos 11 teses e 11 dissertações para compor nosso campo problemático a partir de uma abordagem rizomática dos conceitos apresentados. Buscamos compreender como esses conceitos povoam o território das pesquisas. Esses trabalhos foram selecionados, conforme tabela abaixo, por terem Gilles Deleuze como principal referencial teórico-metodológico. Importante destacar que as teses e dissertações que possuem Deleuze nas referências bibliográficas, mas não como principal intercessor, dão ênfase a autores como Michel de Certeau, Michel Foucault e/ou Homi Bhabha.

TABELA 2 - QUANTITATIVO DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS (2012-2015)

<b>NÍVEL (D/M)</b>	<b>TOTAL GERAL</b>	<b>COM DELEUZE NAS REFERÊNCIAS</b>	<b>COM DELEUZE COMO PRINCIPAL INTERCESSOR</b>
Doutorado	113	15	11
Mestrado	198	15	11
<b>TOTAL</b>	<b>311</b>	<b>30</b>	<b>22</b>

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação e Biblioteca Central, ambos da Universidade Federal do Espírito Santo (2016).

Nesse contexto, conforme a tabela 2, no período de 2012 a 2015, temos um total de 22 produções acadêmicas que apostam em Gilles Deleuze como principal referencial teórico-

<sup>10</sup> Na Biblioteca Central da Ufes, tivemos a informação de que algumas teses e dissertações já defendidas ainda não estão disponibilizadas para consulta pública. Assim, ressaltamos que a escrita deste artigo foi produzida a partir das pesquisas disponíveis.

metodológico, o que equivale a 7% do total de teses e dissertações defendidas nesse período. Para muitos, isso pode não ser um percentual expressivo, mas, considerando que esse filósofo não escreve sobre Educação e, além disso, aborda conceitos que desterritorializam o discurso hegemônico da Ciência Moderna que ainda prevalece no campo educacional, acreditamos que, nos últimos quatro anos, tivemos um número significativo de pesquisas no PPGE/Ufes que indicam as obras de Deleuze como principais referências.

No quadro a seguir, apresentaremos o levantamento dessas produções acadêmicas, em ordem decrescente do ano das defesas e por nível (M/D).

QUADRO 1 - LEVANTAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS NO PPGE/UFES QUE APRESENTAM GILLES DELEUZE COMO PRINCIPAL REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO (2012-2015) - Continua

TÍTULO E AUTOR (A)	ORIENTADOR (A)	NÍVEL	ANO
“A força-invenção da docência e da infância nos processos de aprenderensinar” (Suzany G. Lourenço)	Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	M	2015
“Cinema, formação, invenção de si e do mundo: o que pode o cinema?” (Danuza de O. Fonseca)	Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Maria Elizabeth B. de Barros	M	2015
“Experimentações curriculares e juventudes em redes conexionistas e inventivas na contemporaneidade” (Roger V. F. de Andrade)	Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	D	2015
“Frans Krajcberg: história de vida e processo de criação” (Uillian T. Oliveira)	Prof. Dr. César Cola	D	2015
“Entre imagens cinema e imagens escola, movimentando o pensamento com a formação de professores” (Larissa F. Rodrigues)	Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	D	2015
“Cartografando movimentos curriculares produzidos nas redes de conversações nos encontros/formações do Proeja/IFES/ES” (Priscila dos S. Moreira)	Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	M	2014
“O curso de Pedagogia da UFES sob os olhares das/os alunas/os concluintes: processos de subjetivação produzidos num coletivo de intencionalidades” (Clara M. C. Bastos)	Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	M	2014
“Fabulando o currículo: a curiosa metamorfose de Francis Tracart” (Fabiano de O. Moraes)	Prof. Dr. Carlos E. Ferrazo	D	2014
“Problematizações do currículo-experiência no entrelugar da educação infantil e do ensino fundamental: possíveis contribuições para o ensino fundamental de nove anos” (Kelen A. Lyrio)	Prof. Dr. Carlos E. Ferrazo	D	2014
“Lucidez-embriaguez, movimento e arrebatamento: homens, (semi)deuses que perambulam e a educação menor num bairro de uma rede municipal” (Edson Maciel Junior)	Prof. Dr. Hiran Pinel	D	2014



TÍTULO E AUTOR (A)	ORIENTADOR (A)	NÍVEL	ANO
“O que pode um corpo? Movimentos desejan-tes na educação infantil: experiências de afetos no encontro da dança com crianças e funcionários de um CMEI” ( <u>Giovana B. da Silva</u> )	Prof <sup>fa</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	M	2013
“Educação ambiental à distância nas redes e processos de formação, currículos e subjetivação” (Atonildo P. Porto)	Prof <sup>fa</sup> Dr <sup>a</sup> Martha Tristão	M	2013
“Transgressão dos limites disciplinares através de comunidades de afeto e redes do conhecimento” (Breno L. Rodriguez)	Prof <sup>fa</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	M	2013
“Currículo, fotografia e fabulações: a infância como condição de uma vida... imanente” ( <u>Angela F. C. Fiorio</u> )	Prof. Dr. Carlos E. Ferrazo	D	2013
“O devir-menor de Alice: linhas de escrita, linhas de vida sobre a aprendizagem da linguagem na educação infantil” ( <u>Ana Paula P. Holzmeister</u> )	Prof <sup>fa</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	D	2013
“A Arte do teatro de bonecos como disparadora de encontros na constituição dos currículosafetos na escola” ( <u>Dulcimar Pereira</u> )	Prof <sup>fa</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	D	2013
“Entre a macropolítica e a micropolítica: a formação continuada do professor do curso de Administração” (Ana Paula Ribeiro Faria)	Prof <sup>fa</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	M	2012
“Cartografias com crianças: composições e paisagens que afirmam o desejo de uma vida bonita” (Fernanda V. de Medeiros)	Prof. Dr. Carlos E. Ferrazo	M	2012
“Sustentabilidade e educação ambiental: processos culturais em comunidade” ( <u>Fernanda F. R. Rodrigues</u> )	Prof <sup>fa</sup> Dr <sup>a</sup> Martha Tristão	M	2012
“Composições curriculares na educação infantil: por um aprendizado afetivo” ( <u>Maria Riziane C. Prates</u> )	Prof <sup>fa</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	M	2012
“Devires em Cor: movimentos de vida pintados em cenas cotidianas das escolas” ( <u>Marco A. O. Gomes</u> )	Prof <sup>fa</sup> Dr <sup>a</sup> Janete M. Carvalho	D	2012
“Infâncias e Educação Infantil: redes de "sentidosproduções" compartilhadas no currículo e potencializadas na pesquisa com as crianças” ( <u>Kezia R. Nunes</u> )	Prof. Dr. Carlos E. Ferrazo	D	2012

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação e Biblioteca Central, ambos da Universidade Federal do Espírito Santo (2016).

A partir dessa análise preliminar, buscaremos evidenciar como alguns conceitos tematizados nas obras de Gilles Deleuze, aqui mencionados, movimentam o pensamento desses pesquisadores em relação à Educação. Nesse sentido, apostamos em uma rede de conversas entre esses pesquisadores a partir de uma abordagem rizomática dos conceitos que utilizam; abordagem essa que não se dará por um ponto originário, mas compreende a multiplicidade desses conceitos e aposta nas singularidades que os atualizam.

### 3 GILLES DELEUZE NO CAMPO EDUCACIONAL: POSSÍVEIS COMPOSIÇÕES

*Que ousadia desse homem intrometer-se na Educação, justamente ele que, enquanto aluno, foi uma nulidade na escola (Até descobrir que a filosofia podia ser tão desafiadora e divertida quanto qualquer obra de arte!) (CORAZZA, 2013, p. 19).*

Pensar e viver a Educação assim como o artista pensa e vive sua arte. Segundo Corazza (2013), é desse modo que Gilles Deleuze potencializa a escrita, a pesquisa e a vida na Educação. Poetas ou tontos? Artistas ou filósofos? Professores ou pesquisadores? Esses dualismos não existem para quem está com Deleuze, pois ele nos convida à multiplicidade, ao *e...e...e...*, à gagueira criadora (DELEUZE, 1992). Quais as possibilidades de movimentar o pensamento com Gilles Deleuze no campo da Educação?

Criar com esse filósofo composições possíveis para o campo educacional implica “[...] ter horror a tudo o que apequena e entristece a vida” (CORAZZA, 2013, p. 19). E, assim, escreveram os mestrandos e doutorandos do PPGE/Ufes, apostando na vida dos movimentos curriculares, das infâncias, dos processos de *aprenderensinar*, das práticas de Educação Ambiental, da Educação Infantil ao Ensino Superior, sem desconsiderar as relações entre as macro e micropolíticas, uma vez que *os desafios e a instabilidade da macro e da micropolítica mexem com os planos de pesquisa* (MEDEIROS, 2012). Desse modo, Deleuze e Guattari (1995, p. 90) vão nos dizer que “[...] tudo é político, mas toda política é, ao mesmo tempo, macropolítica e micropolítica”.

Assim, Lourenço (2015) afirma que é necessário pensarmos nessas relações para problematizar o real social dos cotidianos escolares, o que nos indica ser impossível considerar a macropolítica isoladamente das micropolíticas, pois, conforme Rodriguez (2013), a macropolítica conforma e deforma a micropolítica; já o micropolítico é onde os fluxos se dão como constituição de possíveis. Assim, a micropolítica não se define pelo seu tamanho, “[...] mas pela natureza de sua massa [...] por sua diferença em relação à linha de segmentos molar” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 96).

Corroborando esse pensamento, Faria (2012) aborda a formação continuada dizendo que, ao mesmo tempo em que os movimentos macropolíticos definem códigos e signos, os fluxos micropolíticos provocam desterritorializações. Andrade (2015) usa o conceito de linhas molares como códigos ordenadores “indicentes” sobre os corpos e experiências que fixam lugares, binarismos e sobrecodificações em relação às juventudes. Já Oliveira (2015) analisa a poética *krajcberguiana* como possibilidade e potência na arte, na educação e na vida, por resistir contra a macropolítica opressora dos sistemas educacionais, e Lyrio (2014) faz ressoar as fabulações das crianças ao inventarem outros *espaçotempos* para o brincar como *linhas de fuga*.

Seguindo esse fluxo, Fiorio (2013) concebe a criação curricular como micropolítica que passa também pelas esferas governamentais. Do mesmo modo, Prates (2012), ao fazer uma análise micropolítica, aposta nas práticas curriculares que promovem uma vida mais bonita na Educação Infantil e, nessa mesma etapa da Educação Básica, Rodrigues (2015) cita as linhas molares que enquadram o professor como empreendedor, a docência como sacerdócio e uma educação “conteudista” enquanto enfatiza as linhas moleculares que permitem o traçado de linhas de fuga por outros modos de constituição docente entre paisagens que se movem na formação continuada. A partir de uma fôrma triangular molar que enfatiza a noção de um padrão enraizado nas árvores do conhecimento “perfil”, “seleção” e “nivelamento”, Moreira (2014) acompanha as experimentações coletivas e as linhas de fuga dissonantes inventadas entre os pretensos “tons harmônicos” no campo curricular e da formação com professores.

Então, destacamos que os conceitos de macropolítica e de micropolítica, conforme Deleuze e Guattari (1995) indicam, ajudam-nos, sobretudo, a deslocar um certo clichê que os separa, assim como faz com teoria e prática, como se a teoria pertencesse a uma macropolítica e a prática a uma micropolítica. Entretanto, como somos compostos por linhas bem diversas (DELEUZE, PARNET, 1998), não é possível pensarmos nessa separação, pois, em um contexto organizacional macropolítico perpassado pelas linhas molares, que nos recortam em todos os sentidos, conforme os autores, há inúmeros movimentos micropolíticos sendo produzidos rizomaticamente no plano de imanência, que arrastam linhas moleculares e linhas de fuga, evidenciando devires, aberturas, pequenas modificações que muitas vezes nos carregam para

caminhos desconhecidos e imprevisíveis. Assim é a vida na escola, nos processos formativos e nos cartográficos.

Nessa perspectiva, Bastos (2014), ao produzir uma cartografia com as/os estudantes do curso de Pedagogia da Ufes, destaca que os aspectos prescritos demonstram que somos segmentarizados a todo o momento por linhas enrijecidas. Entretanto, a autora afirma que a vida convoca esses estudantes a responder a essas linhas quando eles propõem modificações ao vivenciarem o currículo. Nesse entendimento, Fonseca (2015) aposta no cinema como modo potente para a criação de linhas de fuga nos diálogos com os graduandos de Letras da Ufes, ao colocar em análise o discurso hegemônico produzido no contemporâneo. Já para Silva (2013), a dança na Educação Infantil movimentava nossas linhas de fuga, pois nos sequestra do tempo *chronos* e nos permite devir, reafirmando aos corpos suas singularidades.

Conforme Deleuze (1992, p. 216), “[...] uma sociedade nos parece definir-se muito menos por suas contradições que por suas linhas de fuga”. Por isso, concordamos com Gomes (2012), quando nos convida a pensar que, nos territórios das salas de aula, enquanto muitos professores “vão dando suas aulas”, “as aulas dos estudantes vão se dando” por outros caminhos, tecendo outras redes com linhas de fuga de seus próprios *saberesfazeres*, de seus desejos que, certamente, são diferentes dos desejos dos professores. De encontro à molaridade que enquadra a linguagem, Holzmeister (2013) buscou seguir o traçado das linhas do desejo que engendram movimentos de diferenciações para a ação de ensinar e aprender a linguagem na Educação Infantil. Já Porto (2013) aposta no conceito de “linhas de fuga” para dizer que há criação de possibilidades outras nas práticas de Educação Ambiental.

Compreender a coexistência dessas linhas nos territórios existenciais implica acreditar que “[...] cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama” (DELEUZE, 1992, p. 47). Sendo assim, as pesquisas evidenciam que os agenciamentos produzidos no plano de imanência das escolas ou das formações “continuadas” e “iniciais” muitas vezes ressaltam certo tipo de linha em detrimento de outras, mas as diferentes linhas que constituem os acontecimentos e as coisas nos acompanham de modo coexistente. É importante destacar que não apenas as linhas duras têm seus perigos, pois uma linha molecular pode produzir microfascismos, assim como uma

linha de fuga pode virar destruição. Por isso, Deleuze e Guattari (1996) nos falam que a prudência é uma regra imanente à experimentação dos agenciamentos.

Desse modo, tomadas as *injeções de prudência*, Faria (2012) problematiza as redes de conversações como possíveis agenciamentos de um corpo político nos movimentos de formação continuada. Já Bastos (2014), assim como Lourenço (2015) e Prates (2012), usa o conceito de agenciamento para pensar o processo de aprendizagem não apenas como transmissão ou repetição, mas como agenciamento de forças que movem o pensamento. Por outro lado, ao pensar o cinema como vetor para a aprendizagem, Fonseca (2015) aborda o conceito de agenciamento para evidenciar os modos como o capital, para se manter, forja agenciamentos diversos de nossos corpos e, assim, os espectadores passivos facilitam os espaços para esses agenciamentos do sistema capitalístico.

Seguindo esses fluxos de pensamento, Medeiros (2012) destaca que os agenciamentos nos territórios da Educação Infantil ativam modos de existência, resistência e possibilidades de vida. Nessa direção, o que interessou para Nunes (2012) foram os agenciamentos produzidos pelas crianças sobre a maneira como desejam viver no território escola. Já Gomes (2012), em sua pesquisa com estudantes e professores do Ensino Médio, buscou pensar a Arte como ampliação dos agenciamentos que vivenciamos *sem receitas, nem bulas, mas com azeites e burlas*. Por sua vez, Moraes (2014) relaciona o conceito com a escrita acadêmica, ao afirmar a potência da literatura menor em seus agenciamentos coletivos políticos transgressores, enquanto Rodrigues (2012) estabelece conexões com o termo sustentabilidade como agenciamento coletivo que cria estilos, intensidades e movimentos que nos potencializam a viver em outras frequências. Nesse sentido, entendendo que agenciar é estar no meio, sobre a linha de encontro de dois mundos, Maciel Júnior (2014) defende que a Educação é agenciamento coletivo de criação que não está nem em um, nem em outro, mas entre.

Então, Deleuze e Parnet (1998, p. 18) afirmam que o agenciamento “[...] é uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações e relações entre eles [...], de naturezas diferentes”. Assim como as pesquisas evidenciam, esse conceito é de suma importância na Filosofia da Diferença pensada por Deleuze, pois, segundo o autor, a unidade

real mínima não é o conceito, nem a palavra, mas o agenciamento. Agenciar não é propor uma sobreposição, pois é uma produção simbiótica, é estar no meio.

Nessa perspectiva, todo agenciamento é coletivo, arrasta pessoas, coisas e signos. Diferentes agenciamentos acontecem nas escolas, nas formações continuadas e iniciais, assim como na vida de maneira geral. Existimos enredados a agenciamentos nos quais nos reinventamos e produzimos novos territórios. Assim, por exemplo, Pereira (2013) cartografou os agenciamentos produzidos entre as crianças e os bonecos como possibilidades de inventar novas conexões no território escola, que fogem das regras e das normas.

Desse modo, acreditamos que o “método” cartográfico – modo de *fazerpensar* a pesquisa inspirado na obra de Deleuze e Guattari (1996) – foi de interessante utilidade, na maioria das pesquisas aqui exploradas, ao colaborar na análise dos agenciamentos, das linhas, dos espaços e dos devires e ao abordar essas dinâmicas marcadas mais pelo processo, pelo movimento, do que por estados estanques. Pelo fato de não possuir regras determinadas e específicas, a cartografia tem um caráter “imetodológico”, uma vez que corresponde mais à proposta de acompanhar um movimento do que necessariamente representar um objeto ou “a” realidade (CARVALHO, 2008).

Defendemos, com Prates (2012) e Moreira (2014), que a prática cartográfica é uma aposta que visa a potencializar as ações coletivas e os bons encontros nas redes de conversações. Essa aposta é efetivada a partir do *nosso* entendimento de que, como são à própria vida, as dinâmicas cotidianas são articuladas em intensidades múltiplas, o que exige do pesquisador ferramentas metodológicas que se proponham não a aprisionar o cotidiano dentro de um método, mas entendendo-o como processo, acompanhando seus devires e as consequentes paisagens sociais nele (trans)formadas. Faria (2012) e Medeiros (2012) afirmam ainda que a prática cartográfica é rizomática, pois compreende as intercessões entre a micropolítica e a macropolítica e, portanto, entre as linhas molares, as linhas moleculares e as linhas de fuga. Nos fluxos da cartografia, Holzmeister (2013) buscou acompanhar os movimentos do desejo em seus agenciamentos coletivos de enunciação. Assim, traçou, com as crianças e os docentes do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), uma cartografia dos movimentos do desejo na

constituição diferencial de currículo. Outros autores, como Pereira (2013), Fiorio (2013) e Nunes (2012), entrelaçaram a cartografia aos estudos dos cotidianos, acompanhando os processos de invenção de estudantes e professores.

Nesse complexo emaranhado de pesquisas, destacamos o conceito de rizoma, uma vez que todos os conceitos aqui mencionados não são possíveis de serem analisados separadamente, pois a todo o momento eles se acoplam, possuem um devir (DELEUZE, 1992), por isso a nossa tentativa de uma abordagem rizomática desses conceitos nas pesquisas mencionadas.

Com efeito, todo conceito, tendo um número finito de componente, bifurcará sobre outros conceitos, compostos de outra maneira, mas que constituem outras regiões do mesmo plano, que respondem a problemas conectáveis, participam de uma co-criação (DELEUZE, 1992, p. 26).

O peralta Gilles Deleuze nos deixa essa pedreira. Mas ele já havia avisado: pensar é um exercício perigoso! Pensar os conceitos de Gilles no campo educacional, talvez, seja mais perigoso ainda. Que ousadia desse homem! Que audácia de nos forçar a pensar que o conhecimento/saber (OLIVEIRA, 2015), os encontros com a infância/juventude (ANDRADE, 2015; LYRIO, 2014; MEDEIROS, 2012; NUNES, 2012), o currículo (FIORIO, 2013; LOURENÇO, 2015; PRATES, 2012), as relações nas formações (FARIA, 2012), a dança (SILVA, 2013), a Educação Ambiental (PORTO, 2013; RODRIGUES, 2012), a Química (RODRIGUEZ, 2013), as redes de conversações (MOREIRA, 2014), o cinema (FONSECA, 2015; GOMES, 2015), a pedagogia (BASTOS, 2014; PEREIRA, 2013), a Literatura (MORAES, 2014), a aprendizagem (HOLZMEISTER, 2013; MACIEL JÚNIOR, 2014), a Arte (GOMES, 2012) são movimentos rizomáticos. Logo conosco, que somos tão acostumados a ter árvores na cabeça!

As composições de teses e dissertações que bailaram conosco na escrita deste artigo propagam os múltiplos pensar-praticar a pesquisa em Educação como campo de possíveis, entre *formas e forças* (CARVALHO, 2009), em uma perspectiva aberta, processual, que não visa a uma verdade absoluta e/ou à descrição-rotulação dos espaços de estudo, nem ao ponto final perfeito-harmônico, contudo faz ressoar *o que pode* um corpo coletivo não coeso, potentemente

diferente, em experimentações, em encontros, nas danças micro-macropolíticas compartilhadas.

#### 4 UM CONVITE AO INUSITADO COM GILLES DELEUZE...

*O segredo do escritor é anterior à escrita. Está na vida, está na forma como ele está disponível a deixar-se tomar pelos pequenos detalhes do cotidiano (COUTO, 2005).*

O convite não é o fim de algo, nem o começo, mas um “estar entre”, uma possibilidade de agenciamento. Não é o fim, pois indica uma continuidade, novas composições, mesmo que virtuais. Não é o começo, pois deixa implícita uma conexão anterior. Ao produzirmos a escrita deste artigo, fizemo-la com o intuito de torná-la um convite. Isso porque não há nesta escrita uma verdade a ser defendida ou uma ciência a ser comprovada. Há apenas fluxos, intensidades, percursos de pesquisas que movimentaram nosso pensamento. Por isso, a nossa questão: quais as possibilidades de movimentar o pensamento com Gilles Deleuze no campo da Educação no PPGE/Ufes? Ou, então, quais os possíveis agenciamentos produzidos com as obras de Gilles Deleuze nas pesquisas em Educação? E, ainda, quais convites são feitos com a escrita deste artigo?

Manoel de Barros nos afirma que pensar é uma pedreira, nós dizemos que escrever também o é. É preciso muita preparação para pouco tempo de inspiração, já nos alertara Deleuze. Agora vem Mia Couto (outro amante de Manoel de Barros) e acrescenta que a escrita exige poesia. E Mia não cita isso considerando a poesia como gênero literário, mas a poesia como *outro modo de pensar que está para além da lógica que a escola e o mundo moderno nos ensinam* (COUTO, 2005). Nesse ponto em que está o inusitado em Deleuze, o *mundo moderno* não força o pensamento como os conceitos que esse filósofo nos propõe. Gilles Deleuze, certamente, manteve-se atento aos pequenos detalhes do cotidiano, pois sua escrita é um convite à vida.

O processo escriturístico que produzimos com Deleuze, Mia Couto, Manoel de Barros e tantos outros não nos confina a uma técnica. Introdução. Desenvolvimento. Conclusão. Não é o que desejamos, embora as normas de periódicos e da Associação Brasileira de Normas Técnicas



(ABNT) muitas vezes nos encaminhem para isso. Não é, também, o que insinuam as teses e dissertações defendidas no PPGE/Ufes nos últimos quatro anos e que tiveram Deleuze como principal referencial teórico-metodológico. Há sempre um fio, uma linha que escapa e nos leva a outras linhas, a outros emaranhados de pensamentos.

Outro ponto inusitado em Deleuze é que ele não escreve sobre Educação. Mia Couto e Manoel de Barros também não. Todavia, isso não o impediu de nos afetar e afetar os mestrandos e doutorandos que defenderam suas pesquisas no PPGE/Ufes, de 2012 a 2015, e que apostaram em Deleuze como intercessor. Se um dia Henri Bergson, Baruch Spinoza e Friedrich Wilhelm Nietzsche serviram a Gilles como máquina de guerra contra o estruturalismo, hoje é ele que nos serve a esse propósito. Uma máquina de guerra que está para além de um simples guerrear, pois, mais que isso, é revolucionária, é artística (DELEUZE, 1992).

*O segredo do escritor é anterior à escrita.* E Deleuze (1992, p.180) poderia complementar “[...] escrevemos para liberar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga”. A vida das escolas, das crianças/adolescentes/jovens/adultos, dos professores, dos intercessores, dos currículos, dos bonecos de fantoche, da Educação Ambiental, da Química, da dança, das paneleiras é o que moveu a escrita das teses e dissertações que analisamos. Sem essa vida “anterior”, que muitos poderiam chamar de “campo problemático”, não haveria processo escriturístico. Uma vida que se compõe de poesias e que é *a janela que se abre para estreamos outro olhar sobre as coisas e as criaturas* (COUTO, 2005). Uma vida que nos tira da condição de “muçulmanos” e exhibe nossas “centelhas de vida”.

Como Mia, Manoel, Gilles e os pesquisadores supracitados, hoje já mestres e doutores em Educação, não temos a arrogância de tentar entender nada. Até porque Deleuze já havia nos alertado sobre isso: “Jamais interprete, experimente...”. Nesse sentido, analisamos as teses e dissertações aqui mencionadas, experimentando a pesquisa com seus autores por meio da escrita, *apenas com a ilusória tentativa de nos tornarmos irmãos do universo* (COUTO, 2005). Assim, abastados de nossa incompletude e da incompletude de nossas pesquisas, deixamos este convite. Nós, Gilles, Mia, Manoel. Um convite ao devir, às linhas de fuga, aos fluxos. Um convite às peraltices de Gilles Deleuze.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Roger Vital França de. **Experimentações curriculares e juventudes em redes conexistas e inventivas na contemporaneidade**. 2015. 217 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BASTOS, Clara Melo Casotti. **O curso de pedagogia da Ufes sob os olhares das/os alunas/os concluintes: processos de subjetivação produzidos num coletivo de intensidades**. 2014. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- CARVALHO, Janete Magalhães. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP ET Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.
- CARVALHO, Janete Magalhães. Cartografia e cotidiano escolar. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis/RJ: DP et Alii, 2008. p. 121-136.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens: filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.
- CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.
- COUTO, Mia. **Pensatempos: textos de opinião**. Alfragide: Editorial Caminho, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: São Paulo: Ed. 34, 1995.
- Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 22, n. 2, p. 91-111, jul./dez. 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.69-78.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 2004.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FARIA, Ana Paula Ribeiro. **Entre a macropolítica e a micropolítica: a formação continuada do professor do curso de Administração**. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

FIORIO, Angela Francisca Caliman. **Pensando o currículo com as crianças: ou sobre aprendizagens inventivas na Educação Infantil**. 2013. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

FONSECA, Danuza de Oliveira. **Cinema, formação, invenção de si e do mundo: o que pode cinema?**. 2015. 76 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

GOMES, Marco Antonio Oliva. **Devires em cor: movimentos de vida em cenas cotidianas das escolas**. 2012. 245 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

HOLZMEISTER, Ana Paula Patrocínio. **O devir menor de Alice: linhas de escrita, linhas de vida: sobre a aprendizagem da linguagem na Educação Infantil**. 2013. 184 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

LOURENÇO, Suzany Goulart. **A força-invenção da docência e da infância nos processos de aprenderensinar**. 2015. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 22, n. 2, p. 91-111, jul./dez. 2016.

LYRIO, Kelen Antunes. **Problematizações do currículo-experiência no entre-lugar da educação infantil e do ensino fundamental**: possíveis contribuições para o ensino fundamental de nove anos. 2014. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

MACIEL JÚNIOR, Edson. **Lucidez-embriaguez, movimento e arrebatamento**: homens, [semi]deuses que perambulam e a educação menor num bairro de uma rede municipal. 2014. 209 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

MEDEIROS, Fernanda Vieira de. **Cartografias com crianças**: composições e paisagens que afirmam o desejo de uma vida bonita. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

MORAES, Fabiano de Oliveira. **Currículo-fabulação**: a curiosa metamorfose de Francis Tracart. 2014. 137 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

MOREIRA, Priscila dos Santos. **Cartografando movimentos curriculares produzidos nas redes de conversações dos encontros-formações do PROEJA/IFES/ES**. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

NUNES, Kezia Rodrigues. **Infâncias e Educação Infantil**: redes de sentidos-produções compartilhadas nos currículos e potencializadas na pesquisa com as crianças. 2012. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

OLIVEIRA, Uillian Trindade. **Frans Krajcberg**: história de vida e processo de criação. 2015. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

PEREIRA, Dulcimar. **A arte do teatro de bonecos como disparadora de encontros na constituição de curriculosafetos na escola**. 2013. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 22, n. 2, p. 91-111, jul./dez. 2016.

PORTO, Atonildo Pereira. **Educação Ambiental à distância: nas redes e processos de formação, currículos e subjetivação.** 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

PRATES, Maria Riziane Costa. **Composições curriculares na educação infantil: por um aprendizado afetivo.** 2012. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

RODRIGUES, Fernanda Freitas Rezende. **Sustentabilidade e educação ambiental: processos culturais em comunidade.** 2012. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

RODRIGUES, Larissa Ferreira. **Entre imagens cinema e imagens escola, movimentando o pensamento com a formação de professores.** 2015. 233 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

RODRIGUEZ, Breno Lima. **Transgressão dos limites disciplinares através de comunidades de afetos e redes do conhecimento.** 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

SILVA, Giovana Barbosa da. **O que pode um corpo? Movimentos desejanter na educação infantil: experiências de afetos no encontro da dança com crianças e funcionários de um CMEI.** 2013. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.